UM OLHAR TURÍSTICO SOBRE A COMUNIDADE DO BAIRRO RESTINGA COM VISTAS AO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

Magali Mendes de Menezes

Mirelle Barcos Nunes

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a potencialidade do bairro Restinga para o desenvolvimento do turismo de base comunitária. Inicialmente é apresentado o contexto histórico do bairro, bem como as motivações para este estudo. Após são trazidas as vozes de autores que tratam das temáticas turismo, turismo de base comunitária, cultura, identidades e memória, a fim de encontrar pontos de convergência que conduzam para o entendimento da potencialidade para o turismo de base comunitária. Isto porque essa modalidade do turismo valoriza a relação interpessoal entre visitante e visitado, onde a percepção dos moradores do bairro sobre seu patrimônio cultural, suas identidades, memórias e histórias são rica fonte de diálogo intercultural. Por fim, são apresentadas percepções sobre os caminhos para este possível desenvolvimento, com base nos conceitos apresentados e na história do bairro.

Palavras-chaves: Restinga, turismo, memória, identidades, comunidade.

ABSTRACT

This article aims to analyze the potential of the Restinga district for the development of community-based tourism. Initially we present the historical context of the neighborhood, as well as the motivations for this study. Following are brought the voices of authors who deal with tourism issues, community-based tourism, culture, identity and memory in order to find points of convergence that lead to understanding the potential for community-based tourism. This is because this type of tourism values the interpersonal relationship between visitor and visited, where the perception of the neighborhood residents about their cultural heritage, their identity, memories and stories are a rich source of intercultural dialogue. Finally, we present insights into the possible paths for this development, based on the concepts presented and the history of the neighborhood.

Keywords: Restinga, tourism, memory, identity, community.

Introdução

A iniciativa por investigar o bairro Restinga e sua potencialidade para o desenvolvimento do turismo foi um movimento da primeira autora deste artigo, que há dez meses iniciou seu contato diário com este bairro, através de uma relação de trabalho na área da educação no local. O convívio com moradores e o conhecimento da história local motivou a autora a realizar pesquisa sobre a Restinga, direcionando sua dissertação de mestrado - na área da cultura -, tomando o bairro como objeto de estudo.

Justificativa

Na busca por melhor conhecer a realidade da Restinga entramos em contato com um universo muito rico de narrativas sobre fatos passados que constituíram o que hoje é este território, seus moradores e seu modo de viver e de se relacionar com outros espaços geográficos, políticos e sociais. Dentro desta perspectiva foi possível perceber por diversas vezes na fala de algumas lideranças comunitárias o receio do esquecimento da história do bairro.

Foi a relevância dos relatos sobre a história dos moradores do bairro, que passaram por um processo de exclusão em decorrência do fenômeno “higienização dos grandes centros urbanos”, e a riqueza cultural e mobilização comunitária com a qual nos deparamos no contato com as pessoas do lugar, que nos levou a considerar que seria importante um estudo direcionado ao turismo. Uma busca que valorizaria o bairro, dando visibilidade às narrativas, aproveitando enquanto há quem se disponha a remexer neste passado doloroso, no intuito de garantir o acesso futuro à história local.

A história do bairro Restinga

O bairro Restinga está localizado na zona sul a 22 km do centro da cidade. Um bairro pobre, com características urbanas, composto por de mais de 120 mil habitantes, circundado por morros. Esta localização é resultado de uma história que

começou na década de 60 com a remoção de famílias que viviam em malocas na área central da cidade de Porto Alegre, e que estavam “impedindo” – aos olhos do governo da época - o desenvolvimento urbano da Capital, a modernização. Desta forma, entendeu-se por bem retirar da área central, num processo compreendido pelos autores como uma “higienização”, tantas vilas quantas fossem possíveis, deslocando estas pessoas para áreas bastante longínquas, como a Lomba do Pinheiro, a Cavalhada e a Restinga.

O trauma gerado pela forma e condição com que foram removidos os primeiros moradores da Restinga acabou por se traduzir numa identidade – “os removidos”, criando-se assim, novos vínculos, fortalecidos por causas comuns como “direitos humanos”, “dignidade”, “justiça social”. Estas expressões estão hoje enraizadas na linguagem e na atitude da comunidade da Restinga, que se estruturou politicamente em grupos de luta pelas necessidades básicas de direito, como educação, saúde e habitação. Há neste lugar alguns personagens históricos que trabalham incessantemente na reconstrução da memória, da história de lutas e embates políticos aos quais se submeteram e ainda se submetem; aqueles que desde o início do bairro aprenderam a “se virar”, reconstruindo suas moradias, bem como laços de amizade, espaços de trabalho, cotidianos e vidas.

Hoje, entre a nomeação de Velha e Nova, a Restinga é um universo de paradoxos e um mosaico cultural. A beleza da organização de movimentos comunitários e autogestionários em um bairro cuja história é marcada pelo abandono político, exige visibilidade. O orgulho de ser “da Tinga” contrasta com notícias de capa de jornais sobre assassinatos, estupros, tráfico de drogas e prostituição neste bairro.

O histórico de criação do bairro, sua comunidade e trajetória se configuraram em um terreno fértil em iniciativas solidárias, grupos de apoio, campanhas e projetos socias; e muitas ações reivindicatórias nos mais diferentes campos (saneamento, educação, cultura, iluminação, transportes, saúde, entre outros aspectos). Além disso, há na Restinga diversas manifestações culturais (carnaval, capoeira, poesia, desenho, hip hop, grafitti, rádio comunitária, entre outras), e todos esses elementos representam a riqueza social que tem esta comunidade, e como ela respondeu

positivamente a tudo que lhe ocorreu no início da formação do bairro, que até hoje vive em função da luta por melhores condições de vida.

A partir desta contextualização emerge como problemas centrais desta pesquisa as seguintes questões: qual a potencialidade do bairro Restinga para o desenvolvimento do turismo de base comunitária e que elementos sinalizam esta possível potencialidade? A partir destas questões buscaremos pensar sobre as riquezas locais que a história nos apresenta e que poderão sinalizar a possibilidade do turismo neste bairro.

Fundamentação Teórica

Sendo esta uma análise desenvolvida a partir dos conceitos que fundamentam o turismo de base comunitária, faz-se fundamental uma reflexão sobre o fenômeno turístico na perspectiva que o aproxime do campo social e comunitário. Isto porque esta proposta de turismo valoriza sobremaneira a cultura popular, a memória, a identidade e, amplia a possibilidade de consideração de elementos locais enquanto patrimônios, atrativos turísticos e, não apenas elementos espaciais, mas práticas cotidianas locais possíveis de um visitante experimentar. Assim, será necessário apresentar conceitos de turismo, turismo de base comunitária, atrativo turístico, cultura, identidades e memória, situando o leitor quanto ao campo conceitual com o qual nos identificamos para a produção desta análise.

É necessário desconstruir essa visão negativa do turismo, o que muitos autores e acadêmicos da área, além da mídia, denominam “a indústria do turismo”. É preciso acreditar e vislumbrar “um outro turismo possível” para poder compreender o quem vem a ser – ou o que vem se buscando constituir como – o turismo de base comunitária. Ele tem uma outra lógica de passeio, de lazer e de consumo. E o atrativo turístico deste tipo de turismo não é o que tradicionalmente se vê em álbuns de viagens realizadas. É um outro atrativo. Em sua essência é um atrativo com o qual não se consegue, na maioria das vezes, tirar uma foto. Isto porque se trata de atrativos imateriais, sensações, experiências, vivências como, por exemplo, o “modo” como se é recebido em uma comunidade, o “sentimento”, a “emoção” que se sente ao escutar uma “história de vida” contada por um anfitrião igualmente

emocionado. É o “cheiro” da cuca de frutas saindo do forno especialmente feito pela matriarca e para a ocasião deste encontro esperado – visitante e cidadão local.

São muitas as considerações reducionistas da análise do turismo, como por exemplo, a definição do mesmo enquanto fenômeno econômico. Entendemos que o turismo independe de tempo de permanência e de motivação inicial de viagem, e aponto o conceito da política municipal de turismo da cidade de Porto Alegre (2000, p. 2) como esclarecedor desta visão mais inclusiva sobre o tema:

> o turismo é entendido como o deslocamento do(s) sujeito(s) de seu espaço e tempo rotineiros, para a realização de atividades profissionais, culturais, educacionais, sociais, de saúde e lazer. Este deslocamento gera necessidade de organização de produtos turísticos que contenham, na sua composição, uma base cultural/ecológica, através de uma estrutura que atenda e proporcione hospitalidade, acomodações, boa culinária e informações qualificadas.

Apesar da verdadeira e histórica vinculação do turismo com o comércio, transformando-o em um produto, este estudo visa resgatar sua dimensão social, pois o turismo, conforme Barretto (1999, p. 5) “é um fenômeno que envolve, antes de mais nada, gente. É um ramo das ciências sociais e não das ciências econômicas, e transcende a esfera das meras relações da balança comercial.”

Partimos do entendimento do turismo como fenômeno sociocultural, e neste sentido o percebemos como uma prática que se concretiza no contato com o local, na vivência de uma experiência externa ao cotidiano, no reconhecimento do diferente. Diferentes hábitos, costumes, sotaques, pensamentos, religiões, espaços, culinárias, vestimentas, enfim, reforçam a ideia de que a cultura é permeada pelas diferenças. Nesta perspectiva, Moesch (2001, p. 9) traz sua contribuição acerca do conceito de turismo como:

> prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico.

É sobre esta relação turismo-cultura, que Barretto (2000, p. 19) coloca que o turismo cultural é “todo turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas

algum aspecto da cultura humana. Esse aspecto pode ser a história, o cotidiano, o artesanato ou qualquer outro dos inúmeros aspectos que o conceito de cultura abrange." Barretto (2000, p. 27) ainda aponta para a existência de um perfil de turista ao qual chama de "não institucionalizado". Segundo a autora, este perfil valoriza sobremaneira o aspecto cultural local e não gosta de ser chamado de turista. Prefere ser simplesmente "viajante", tendo como principal motivação de viagem o conhecimento do legado cultural de destinos não tão tradicionais na comercialização de pacotes turísticos, ou seja, que não estão associados ao turismo de massa. A autora complementa seu ponto de vista complementando que "Esses turistas levam para casa mais a lembrança do momento vivido do que uma peça para colocar na estante da sala para que os amigos vejam"; e afirma ainda que "uma enorme variedade de manifestações da cultura imaterial, chamada simbólica pela antropologia, entre as quais podem ser citadas as danças, a culinária, o vestuário, a música, a literatura popular e a medicina caseira" (2000, p. 29) despertam o interesse de turistas não institucionalizados. É em harmonia com este perfil de turista que o turismo de base comunitária se desenvolve no Brasil como uma forma "alternativa" de planejamento e organização da experiência turística. Experiência esta que valoriza, sobretudo, a dimensão humana e cultural, conforme Maaldonado (2009, p. 31), cita

> A característica distinta do turismo comunitário é sua dimensão humana e cultural, vale dizer antropológica, com objetivo de incentivar o diálogo entre iguais e encontros interculturais de qualidade com nossos visitantes, na perspectiva de conhecer e aprender com seus respectivos modos de vida.

Trata-se de uma proposta de desenvolvimento turístico que vem se constituindo em uma tendência mundial de ressignificação de espaços até então isolados ou de exclusão, com protagonismo de gestão das próprias comunidades locais, em resposta ao turismo de massa. As primeiras experiências no Brasil iniciaram no início da década de 90, sendo desenvolvidas de forma autônoma, sem intervenção do estado. A partir da criação do Ministério do Turismo, no ano de 2003, estas iniciativas tiveram a atenção política devida. Atualmente há uma preocupação do Governo Federal, através do Ministério do Turismo, em expandir esta

modalidade, e registrou no Documento Referencial Turismo no Brasil 2011/2014 que compreende que

> a produção associada e o Turismo de base comunitária devem ser compreendidos como uma alternativa estratégica de valorização e qualificação dos destinos, com grande impacto para o desenvolvimento local e que contribuem para a promoção da diversificação da oferta turística.

Também importa-nos conhecer que esta "alternativa estratégica de valorização" no turismo de base comunitária tem, para o Ministério do Turismo (2010, p.18), como objetivos principais:

> - contribuir para a geração de trabalho e renda no local;
> - organizar e fortalecer os atores/as comunidades locais para a gestão e a oferta de bens e serviços turísticos;
> - agregar valor aos destinos turísticos;
> - diversificar a oferta turística de destinos consolidados;
> - incrementar o fluxo de turistas demandantes deste segmento;
> - promover a interação entre comunidade e turista, de forma sustentável, com ganhos – materiais e simbólicos – para a população local, e oferecer uma experiência turística diferenciada para o visitante a partir da sua participação na vida comunitária local.

Atualmente com muitas experiências voltadas para a temática rural, o turismo de base comunitária também tem olhos para a periferia, para comunidades carentes de recursos financeiros, mas ricas em experiências, em processos e manifestações culturais. Gastal (2001, p. 7) contribui neste entendimento quando coloca que percebe:

> o Turismo [está] mais próximo da Cultura, se usarmos um conceito lato que diz que «cultura é vida com pensamento». O bom Turismo também é vida com pensamento. Cultura não é apenas a cultura clássica, aquela em que estão arrolados os músicos eruditos (quase sempre europeus), os pintores famosos (quase sempre europeus) os grandes escritores (que escrevem segundos os grandes paradigmas... europeus). Cultura é mais do que isso, e inclui todos os saberes de uma comunidade, acumulados ao longo do tempo, e que são expressos em «produtos» que, para esse grupo, além do valor venal, possuem valor simbólico.

É nessa perspectiva, que o turismo de base comunitária apresenta uma outra concepção mesma de Cultura. Para além do turismo cultural,

hegemonicamente concebido como uma proposta de visitação e contemplação de espaços culturais ou históricos identificados como museus, centros de exposições ou, produções culturais como teatro, cinema, música, literatura, etc, o turismo de base comunitária permite o descortinar de todo um universo de possibilidades. Percepção, interação, estranhamento, contemplação capaz de envolver o turista e os sujeitos de uma comunidade em uma relação de troca hospitaleira, em que é possível a constituição de laços solidários e aprendizagens mútuas a partir do encontro. São saberes compartilhados, de alto valor familiar, comunitário, histórico e cultural.

As definições de turismo comunitário, ou de base comunitária, entre outras nomenclaturas para uma mesma proposta têm, conforme o Ministério do Turismo (2010, p. 16) como princípios comuns a autogestão, o associativismo e cooperativismo, a democratização de oportunidades e benefícios, a centralidade da colaboração, parceria e participação, a valorização da cultura local e, principalmente, o protagonismo das comunidades locais na gestão da atividade, visando à apropriação por parte destas comunidades dos benefícios advindos do desenvolvimento da atividade turística. No tocante à valorização da cultura local, o Ministério do Turismo (2010, p. 16) define que

> Trata-se de um modelo em que a cultura e os modos de vida locais são a principal motivação da visita, onde há o intercâmbio cultural entre o turista e a comunidade. além disso, o turismo é uma atividade complementar às atividades tradicionais desenvolvidas pelas comunidades.

Assim, no turismo de base comunitária é possível encontrar um tratamento não reducionista da cultura, historicamente, associada a determinados símbolos como as produções artísticas encontradas nos museus. No próprio histórico de comercialização no turismo pode-se ver esta associação. Conforme Barretto (2000, p. 54) “Durante muitos anos, o *trade* turístico só valorizou como atrativo possível para incluir em suas ofertas os museus consagrados (Louvre em Paris, El Prado em Madri, MoMa em Nova York etc).” Enfim, o turismo de base comunitária é defendido neste estudo como uma possibilidade muito relevante de aproveitamento das experiências coletivas, oportunizando a visitantes e visitados uma troca de saberes, um compartilhamento de redescobertas como o valor cultural que há em um simples

costume local, que tem história, uma herança de antepassados, até então desvalorizada pelo morador local, mas que, do ponto de vista da cultura e do turismo é um patrimônio, um atrativo.

Quando se fala em "atrativo" no turismo, mais uma vez a tendência do senso comum é reduzir o significado. Portanto, importa-nos elucidar para esta leitura alguns conceitos de atrativo, a fim de dar ao termo a dimensão própria para falarmos "nos atrativos do turismo de base comunitária". Segundo Oliveira (2000, p. 53), atrativo turístico é entendido como "lugar, objeto ou acontecimento de interesse turístico que motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los", sendo assim, atrativo pode contemplar paisagem, fenômenos da natureza, edificações históricas, parques, espaços de sociabilidade, lugares de memória, monumentos, morros, espaços culturais, templos, passeios, eventos, considerando que a busca por atrativos não necessariamente será a busca por algo físico, mas sim, e muitas vezes, "experiências" diferentes do que estamos habituados a viver.

Nesta mesma direção, Urry (1996, p. 72) diz que "devemos afastar-nos da tendência de estruturar o olhar do turista em torno de alguns locais sagrados e selecionados e sermos muito mais universais em relação aos objetos que podemos contemplar". Percebemos, nesta perspectiva, que a conceituação de atrativo está muito próxima da conceituação de patrimônio, na medida em que se sugere ser aquilo que tem valor para um grupo, e que merece ser apreciado. A aproximação entre atrativo e patrimônio também está na concepção de Chan (1994, p. 119) quando coloca que

> *Los atractivos son bienes o manifestaciones con capacidad de motivar o inducir el viaje, o lo que es lo mismo, el desplazamiento de personas desde su lugar de residencia habitual o temporaria al espacio donde está emplazado el bien o manifestación en cuestión.*

Ainda a autora subdivide os atrativos em naturais e culturais (1994, p. 120), e colocando mais explicitamente seu entendimento sobre os atrativos "culturais" - o que nos interessa compreender melhor para este estudo - colocando que são "*aquellas manifestaciones cuya existencia depende del hombre, como museos, monumentos, fiestas tradicionales, costumbres, etc.*" Chan refere-se a atrativos turísticos culturais como sendo "bens", "manifestações", "costumes". Com isso,

podemos considerar que tudo aquilo que um visitante, durante sua estada em um destino, contempla, vivencia, experimenta, conhece, admira, consome objetiva ou subjetivamente, pode enfim ser considerado um atrativo turístico. Desse modo, a história, os elementos da identidade de um povo, as memórias compartilhadas, a gastronomia, a cultura, as trocas simbólicas em um simples contato com a comunidade de um local são importantes atrativos turísticos.

Pensar sobre o turismo de base comunitária exige que façamos uma reflexão sobre um elemento considerado intrínseco ao desenvolvimento desta modalidade de turismo. Isto porque, como o próprio nome diz, é "comunitário", é coletivo. E ser comunitário ou coletivo significa que é em conjunto, pensado de forma conjunta e desenvolvido desta maneira pela comunidade local. A questão que se coloca a partir disso é se este contexto cria uma "identidade" ou "identidade coletiva", ou ainda se para que exista esta modalidade de turismo é pré-requisito que exista esta "unidade".

Podemos considerar que uma comunidade possui mais de uma identidade, e que estas que se entrelaçam, formando um mosaico cultural de diferentes identidades locais? Bauman (2005) fez uma discussão bastante intensa sobre a questão da identidade. Trouxe aos estudos da área de ciências sociais aplicadas uma descrição de um tempo ao qual deu o nome de "modernidade líquida", caracterizando um momento onde a globalização tem impactos relevantes na questão dos valores, considerando que passam a ser mais "líquidos". Ele entende que a globalização balançou as estruturas sociais ao ponto de mobilizar certezas absolutas, gerando inseguranças nos mais diferentes níveis, e classificando este tempo então como uma "modernidade líquida". O autor reflete sobre este tempo em que as identidades sociais, culturais, religiosas, sofrem um processo de transformação interminável, e neste sentido coloca (2005, p. 91) que

> A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infindável. Os experimentos jamais terminam. Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolha. Muitas outras identidades não sonhadas ainda estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida. Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação.

Neste mesmo contexto, Hall (2006, p. 13) entende que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”. E acredita que “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.” Em consonância com as idéias de Hall, Cuche (2002, p. 196) entende que a identidade não é absoluta, mas relativa. Faz esta afirmação a partir da apresentação do conceito de estratégia

> O conceito de estratégia indica também que o indivíduo, enquanto ator social, não é desprovido de uma certa margem de manobra. Em função de sua avaliação da situação, ele utiliza seus recursos de identidade de maneira estratégica. Na medida em que ela é um motivo de lutas sociais de classificação que busquem a reprodução ou a reviravolta das relações de dominação, a identidade se constrói através das estratégias dos atores sociais.

Isso nos remete a pensar sobre as lutas da comunidade da Restinga quanto às questões de urbanização, e o quanto a “Remoção” pode ser incorporada à identidade dos “removidos” e utilizada em diferentes momentos da vida desta comunidade enquanto característica fundamental para “ser da Restinga”. Porém, para Cuche (2002, p.197) “A identidade não existe em si mesma, independentemente das estratégias de afirmação dos atores sociais que são ao mesmo tempo o produto e o suporte das lutas sociais e políticas [Bell, 1975]”.

Assim, nos encaminhamos para a busca da compreensão a respeito das “identidades da Restinga” ou daquilo que pretendemos que seja considerado neste estudo, a respeito das identidades e das representações desta comunidade neste território. E a respeito das representações, neste contexto, Hall (2006, p. 71) traz uma importante aproximação com identidade quando coloca que

> Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos. Elas têm aquilo que Edward Said chama de suas “geografias imaginárias” (Said, 1990): suas “paisagens” características, seu senso de “lugar”, de “casa/lar”, ou *heimat*, bem como suas localizações no tempo – nas tradições inventadas que ligam passado e presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes.

As representações coletivas passam assim a ser um dos elementos constitutivos da análise das identidades da Restinga, na medida em que se

estabelecem no coletivo, sobretudo quando há um ambiente de busca por “unidade” quanto às lutas sociais, como é o caso desta comunidade. Na perspectiva da identidade e da cultura, Cuche (2002, p. 175) coloca que

> Atualmente, as grandes interrogações sobre a identidade remetem freqüentemente à questão da cultura. Há o desejo de se ver cultura em tudo, de encontrar identidade para todos. Vêem as crises culturais como crises de identidade. (...) De maneira mais precisa, a recente moda da identidade é o prolongamento do fenômeno da exaltação da diferença que surgiu nos anos setenta e que levou tendências ideológicas muito diversas e até opostas a fazer a apologia da sociedade multicultural, por um lado, ou, por outro lado, a exaltação da idéia de “cada um por si para manter sua identidade”.

E com isso passamos a analisar a aproximação dos dois conceitos – identidade e cultura – como inevitáveis. Portanto, torna-se importante aqui delimitar que concepção de cultura nos servirá a esta aproximação, e mais, que conceitos nos auxiliarão na busca pela interpretação dos elementos culturais existentes na comunidade da Restinga. Na perspectiva do turismo, esta construção social das identidades tem sua mobilização na possibilidade do encontro entre visitantes e visitados. Banducci Jr e Barreto (2003, p. 19) fazem uma reflexão acerca do fenômeno de troca que ocorre quanto ao fortalecimento da identidade e da cultura:

> No pensamento pós-moderno, a identidade é vista como algo móvel, sempre em construção, que vai sendo moldado no contato com o outro e na releitura permanente do universo circundante. O contato entre turistas e residentes, entre a cultura do turista e a cultura do residente, desencadeia um processo pleno de contradições, tensões e questionamentos, mas que, sincrônica ou diacrônicamente, provoca o fortalecimento da identidade e da cultura dos indivíduos e da sociedade receptora e, muitas vezes, o fortalecimento do próprio turista que, na alteridade, se redescobre.

Complementam este entendimento (2003, p. 19) colocando que:

> Se, por um lado, o turismo pode ser visto exercendo um papel na construção social de tradições inventadas e de uma nova cultura preservacionista, por outro, a viagem como experiência para o turista, para o viajante, pode resultar numa instância de construção social da pessoa, de afirmação da individualidade e de socialização.

Ao pensarmos na Restinga e suas identidades, teremos que delimitar a um tempo, espaço e grupo desta comunidade. E entendemos que o lugar de memória

denominado “remoção”, é um ponto forte de identificação e afirmação da comunidade do bairro. Porém, de acordo com os conceito acima percebemos que quando falamos em identidade, não poderemos desejar encontrar uma resposta única para as identidades da Restinga.

Também será necessário elucidar ao leitor o nosso entendimento sobre a concepção de cultura, o que será o mais amplo e inclusivo conceito possível, acolhendo toda forma de manifestação humana. Cultura, em seu significado mais abrangente, entendemos como a representação de tudo aquilo que o homem produz e cultiva, respira, transforma e transfere; aquilo que desconstrói, reconstrói e ressignifica a cada manuseio, a cada época, a cada momento. Quando pensamos a Cultura Popular refletimos de alguma forma, um contexto de profunda opressão vivida por estes sujeitos. Segundo Cruz (2005, p.101), quando se refere à América Latina, nos diz que o elemento da independência e da autonomia é importante para compreendermos a riqueza da cultura popular: *“El lugar preferente para la emergência de um proyecto cultural, que apuntara a la construcción de uma identidad nacional y latinoamericana independiente y autônoma”.*

O significado de *Culture* (em inglês), no entanto, no sentido antropológico foi desenvolvido pela primeira vez por Tylor (*apud* Laraia, 2009, p. 25): “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Este “complexo” é reafirmado por LARAIA (2009, p. 45), que diz que “O homem é resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam” e coloca que esse “patrimônio cultural” possibilita “inovações e invenções”.

Eis aqui um ponto de encontro na teoria de Tylor e Laraia que absorvemos na justificativa de tratar da questão cultural da Restinga como subsídio de reconhecimento dos aspectos da identidade desta comunidade enquanto “patrimônio cultural”. Patrimônio este que pretendemos que se desvele na pesquisa, numa linguagem e recorte rumo a um caminho possível para fundamentar um processo de desenvolvimento turístico. Segundo Barretto (2000, p. 11):

> há consenso de que a noção de patrimônio cultural é muito mais ampla, que inclui não apenas os bens tangíveis como também os intangíveis, não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos.

Para um melhor entendimento acerca da relação patrimônio-comunidade-turismo, apresentamos o conceito de "patrimônio comunitário", que segundo Maldonado (2009, p. 29) é formado por "valores e crenças, conhecimentos e práticas, técnicas e habilidades, instrumentos e artefatos, lugares e representações, terras e territórios, assim como todos os tipos de manifestações tangíveis e intangíveis existentes em um povo". O autor afirma ainda que através disso "expressam seu modo de vida e organização social, sua identidade cultural e suas relações com a natureza" e que a partir disso o turismo amplia suas possibilidades enquanto propulsor da valorização do acervo do patrimônio comunitário.

No tratamento da história do bairro Restinga e sua comunidade há aspectos relativos à memória e identidade, sobretudo a partir das narrativas de moradores, que são necessários identificar. Esses elementos serão fundamentais para pensarmos qualquer proposta de turismo comunitário neste local. Pollak (1989), como seguidor de Halbwachs (2006), entende que a memória é um fenômeno coletivo e social, em constante transformação. Tanto a memória individual como a coletiva são constituídas a partir dos acontecimentos vividos pessoalmente e os chamados "vividos por tabela" – ocorridos com a sociedade do mesmo meio social. Estes acontecimentos não necessariamente são parte da vivência pessoal, mas da vivência de um determinado grupo, em um determinado período de tempo e espaço. Um acontecimento como a remoção de famílias de vilas centrais para a Restinga gerou uma série de transtornos. Assim, estrategicamente, esta parte da história da cidade foi "esquecida". Sobre esta perspectiva, Cuche nos auxilia a compreensão colocando que:

> O sentimento de uma injustiça coletivamente sofrida provoca nos membros do grupo vítima de uma discriminação um forte sentimento de vinculação à coletividade. Quanto maior for a necessidade da solidariedade de todos na luta pelo reconhecimento, maior será a identificação com a coletividade. (2002, p. 191)

Pollak (1989) ressalta a necessidade de se trabalhar com a história oral quando há insuficiência de dados sobre uma mudança social, para uma melhor compreensão do processo histórico, onde as próprias histórias de vida preenchem lacunas. No caso da Restinga, a narrativa, através da história oral, é muito valiosa, e uma das únicas fontes com as quais se pode trabalhar no que diz respeito à reconstrução da memória da comunidade. Não há quase registros oficiais a respeito das remoções e das diversas dificuldades e superações da época, e a comunidade parece ter bastante clara essa noção de escassez de registro e urgência de um mecanismo de preservação desta história.

Halbwachs (2006) problematiza que "cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva" e que assim se pode concluir que toda a memória é coletiva, uma construção social, que se dá no presente, num grupo, na relação com este, e é reconstruída a cada momento a cada nova lembrança e conexão de fatos e sentimentos. Neste sentido buscamos inspiração em Benjamin (1996) para defender que, se como Halbwachs aponta, a questão da memória é uma construção que se dá no presente, há que se lançar em busca de quem compartilhe a memória sobre a Restinga, e que se possa tratar disso enquanto atrativo. Esta parece ser uma busca desafiadora, na medida em que Benjamin (1996) constata que, lamentavelmente, há no mundo um esvaziamento da "arte de narrar".

Considerações finais

A busca pela identificação da potencialidade do bairro Restinga para o turismo de base comunitária não se encerra neste estudo. Este foi apenas um movimento, de outros que surgirão, e terão sua relevância, na medida em que é uma temática nova para aquela comunidade. Neste artigo buscamos explicitar conceitos que envolvem o turismo de base comunitária e também a história do bairro e sua relação com questões como memória, história oral, cultura, identidade. Com isso, entendemos que existe a possibilidade deste bairro se tornar um território a ser explorado pelo turismo, e que o turismo de base comunitária tem características que combinam com o modo de organização daquela comunidade. Ao acessarmos o Jornal Vitrine, um jornal do bairro, pudemos perceber a diferença quando

comparamos as matérias deste jornal e as matérias publicadas na Zero Hora, por exemplo, sobre o bairro. Este pensamos ser um grande desafio para qualquer grupo que pretenda desenvolver um trabalho voltado para a apresentação da versão positiva da história da Restinga, pois a mídia encarregou-se de, ao longo destes 40 anos, apresentar a Restinga como um lugar a ser evitado a todo custo.

A partir desta leitura, convidamos os leitores a conhecerem melhor este bairro, mas não através da leitura de jornais de grande circulação, e sim através de uma visita com olhar para a comunidade, sua história e seus feitos, sendo, como afirmou John Urry, "*muito mais universais em relação aos objetos que podemos contemplar.* Será uma viagem inesquecível.

Bibliografia

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural: As possibilidades do planejamento**. 3 ed. Campinas, SP: Papirus, 2000;

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov**. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 / 10ª reimpressão, 1996. (Obras escolhidas, v. 1). p. 197-221.

CHAN, Nelida. **Circuitos Turisticos: Programación y cotización**. 2.ed. Buenos Aires, ARGENTINA: [s.ed.], 1994;

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002;

GASTAL, Susana (org.). **turismo: 9 propostas para um saber-fazer**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2001.

GASTAL, Susana. ***Guias de turismo como animadores culturais***. Porto Alegre: [s.ed.], 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006 - p. 30-70;

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009;

MALDONADO, Carlos. **O turismo rural comunitário na América Latina: gênesis, características e políticas** - p. 25-44 (In: Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras / Roberto Bartholo, Davis Gruber Sansolo e Ivan Bursztyn, organizadores. – Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009;

Ministério do Turismo. **Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: desafio para a formulação de política pública**. Brasília: [s. ed.], 2010;

Ministério do Turismo. **Documento Referencial Turismo no Brasil 2011/2014**. Brasília: [s. ed.], 2010;

MOESCH, Marutschka Martini. *A Produção do saber turístico*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2002;

OLIVEIRA, Antônio Pereira. **Turismo e desenvolvimento: Planejamento e organização**. 2.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2000;

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** IN: Estudos Históricos. Vol. 5, nº. 10, Rio de Janeiro, 1992, p. 200-215.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989 – p. 3-15.

Prefeitura Municipal de Porto Alegre / Porto Alegre Turismo – Escritório Municipal. **Política Municipal de Turismo**. Porto Alegre: [s. ed.], 2000;

RUSCHMANN, Doris. *Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente*. Campinas, SP: Papirus, 1997;

SILVEIRA, Éder da Silva. **História Oral e Memória: a construção de um perfil de Historiador-Etnográfico**. Ciência e Conhecimento - Revista Eletrônica da Ulbra São Jerônimo. Vol. 1, 2007, A.2.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Turismo e Qualidade: Tendências Contemporâneas. 4 ed. Campinas, SP: Papirus, 1999;

URRY, John. **O olhar do turista**. São Paulo: Sesc/Nobel, 1996.